

BETAR & ARTES & LETRAS

Teatro do Porto?

*Durante o mês de Março serão várias as peças
a que pode assistir no São Luiz*

© 2011 LUCIANO

Nova
Secção
ENTREVISTA
ARQ. NUNO
TEOTÓNIO
PEREIRA

B
BETAR

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Caros amigos,

A *Artes&Letras* continua a cumprir o objectivo a que se propôs há 18 edições: apresentar-lhes as melhores sugestões culturais, dentro e fora do país.

José Mendonça continua a ser o crítico residente das estreias do grande ecrã, António Cabral das propostas de música clássica e Maria João Duarte dos eventos da cidade do Porto.

Este mês, nas artes, elegemos a exposição “Muros ao Abrigo”, na Gulbenkian, e “1+1+1=3”, na Culturgest, e no teatro seleccionámos as peças “A Philosophia do Gabiru”, “E não se pode matá-los?”, “Azul longe nas colinas” e o “Ciclo de teatro do Porto?”. Imperdíveis!

Na secção “Lá fora”, o convite passa por Madrid, onde pode ver mostras de Dorit Margreiter, Chardin e Jean-Léon Gérôme, em três dos maiores museus da capital espanhola.

Como não podia deixar de ser, contamos também com a participação de mais dois colaboradores, na rubrica de opinião, com propostas bem pessoais. Desafiamos os nossos leitores a complementar esta secção, enriquecendo-a com a vossa experiência.

E porque a arquitectura também é uma forma de arte, entrevistámos uma das mais destacadas personalidades da arquitectura nacional. O Arquitecto Nuno Teotónio Pereira é o convidado especial da *Artes&Letras* de Março, onde nos revela um pouco da sua carreira, repleta de sucessos.

MIGUEL VILLAR

EDITORIAL

José Mendonça sugere, uma vez mais, dois filmes que, de alguma forma, o marcaram. Se costuma identificar-se com as suas propostas, siga-as e não se vai arrepender.

NO GRANDE ECRÃ

Outra vida Em busca de respostas



Título original: Hereafter
De: Clint Eastwood
Com: Matt Damon
e Cécile de France
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 2010, 129min

No início deste ano apresentou-se em Lisboa o último filme de Clint Eastwood. A primeira vez que o vi não gostei. Vi segunda vez e pareceu-me não ter percebido bem. Foi então que decidi ver pela terceira vez, e a verdade foi que encontrei um Eastwood como os outros. É a história de uma jovem jornalista que é apanhada por um maremoto – agora diz-se tsunami – e julga ter estado “do outro lado”; um quase adolescente, dependente do irmão gémeo – uma hora mais velho – filhos de uma mãe ligada às drogas e ao álcool, que fica totalmente desamparado quando o irmão é atropelado. A terceira personagem é um vidente. Mas como é que estas três personagens se ligam entre si? A jornalista começa a escrever um livro sobre Mitterrand mas a meio decide escrever sobre a experiência no maremoto. O vidente encontra-a no lançamento do livro. Deixo para si, a parte de descobrir como conhecem o adolescente. Mas não desespere, se não for à primeira, vai à terceira.

Cisne Negro Um dos filmes do ano



Título original: Black Swan
De: Darren Aronofsky
Com: Natalie Portman,
Barbara Hershey
e Vincent Cassel
Género: Drama, Thriller
Classificação: M/16
EUA, 2010, 108 min

Realizado por Darren Aronofsky, este thriller psicológico sobre a dicotomia entre o Bem e o Mal, foi nomeado para cinco categorias dos Óscares, entre os quais melhores filme, atriz principal e realizador. No momento em que lê esta crónica, caro leitor, já sabe se o Cisne Negro venceu alguma estatueta. Eu, quando escrevi, ainda não sabia, mas gostei muito do filme.

Nina (Natalie Portman) dedicou toda a sua vida à dança. Erica (Barbara Hershey), sua mãe, tem como única obsessão ver a filha triunfar e é muito exigente com ela. Thomas (Vincent Cassel) é o director artístico da companhia de Ballet de Nova Iorque, que decide impulsionar Nina atribuindo-lhe o papel principal no “Lago dos Cisnes”. Nina é assim a eleita para interpretar o Cisne Branco, o que implica também a interpretação do Cisne Negro, a face obscura da personagem. Neste processo, Nina gera uma obsessão, devido à ansia de perfeição, e entra numa espécie de dualidade anjo demónio... Completamente imperdível.



clássicos Relíquia Macabra

O detective privado deste filme, um romance da autoria de Dashiell Hammett, já tinha aparecido no ecrã por duas vezes: Ricardo Cortez dera-lhe vida no filme homónimo de 1931, e Warren William interpretara-o em *Satan Met a Lady* (1935). Confiante no seu trabalho, John Huston construiu um argumento baseado em transcrições de diálogos de Hammett e, abençoado com um elenco perfeito, o realizador teve a contenção necessária para não cair em exageros. Esta película anuncia, assim, a chegada de um profissional consumado. Embora seja considerado, por muitos, a pedra de toque do cinema negro, *Relíquia Macabra* faz um uso

esparso das sombras simbólicas, típicas do género. Bogart, promovido de mau da fita a herói romântico, é Sam Spade, um detective privado de São Francisco que quer capturar o assassino do seu sócio e contrariar os intentos de um grupo de aventureiros desleais, na sua busca por uma estatueta muito valiosa. *Relíquia Macabra* atinge o seu clímax quando se descobre que a estatueta, causadora de tantas conspirações e homicídios, não passa de uma fraude...

Título original:
The Maltese Falcon
De: John Huston
Com: Humphrey Bogart,
Mary Astor, Gladys George
e Peter Lorre
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1941, 101min

‘O espaço construído tem de ter boas condições para as funções que aí se exercem.’

Conheça um pouco melhor um dos mais paradigmáticos arquitectos portugueses, o **Arq. Nuno Teotónio Pereira**
Por Cátia Teixeira



Rotunda do Rato, Covilhã

O Arq. Nuno Teotónio Pereira é conhecido, em parte, pelos projectos de habitação social que desenvolveu. Revê-se num papel social da arquitectura?

Durante 22 anos, fui funcionário da Federação da Caixa de Previdência, um organismo do estado dedicado exclusivamente à habitação social. Trabalhei na coordenação de projectos, era uma espécie de arquitecto principal. Fui a muitas cidades do país, contactei com câmaras municipais, seleccionei terrenos, acompanhei as construções, etc. Esse trabalho colocava-me constantemente a par das necessidades das pessoas. Foi um tema que sempre ocupou um lugar muito importante no meu trabalho, e a finalidade principal era não fazer uma distinção muito nítida entre os projectos de habitação social e os projectos para a chamada classe média. Nos meus projectos, eu quis esbater essa diferença, mostrando que os princípios que deviam reger a habitação social deviam ser os mesmos que caracterizam a arquitectura para qualquer classe, quer quanto à localização, à forma,

aos equipamentos... Tentei sempre que meus os projectos não tivessem sinais exteriores que fizessem essa separação de classes e que houvesse uma integração desses edifícios no tecido urbano.

João Belo Rodeia, Presidente da Ordem dos Arquitectos, apelidou o seu atelier de “verdadeira escola”. Considera que desempenhou essa função pedagógica?

Não era uma função deliberada, intencional. Acabou por ser, em parte, porque passaram por lá muitas dezenas de arquitectos, estudantes ou estagiários, para completar a sua formação. Contribuí para isso o facto de haver sempre trabalhos muito variados, de naturezas diferentes, e aconteceu uma coisa muito especial para acentuar esse carácter de escola: Como eu passava grande parte do tempo na Federação da Caixa de Previdência e não estava a cem por cento no atelier, os meus colaboradores, jovens arquitectos, sentiam-se à vontade para desenvolver as suas ideias... Havia, depois, uma apereciação do

trabalho que eles tinham feito, mas havia uma colaboração muito estreita entre nós, porque eles tinham tempo e liberdade para evoluir sozinhos.

Que conselhos daria, hoje, a um jovem estagiário de arquitectura?

Eu tive uma posição, na prática da arquitectura, que foi definida há muitos séculos por um arquitecto romano [Marcus Vitruvius Pollio] do tempo do Império Romano, que estabeleceu o princípio de que um projecto de arquitectura tinha de ter sempre presente três características, em perfeito equilíbrio umas com as outras, sem sobreposições, isto é, nenhuma podia prejudicar as outras. As componentes eram: a utilidade (o edifício construído tinha de ter uma disposição adequada às funções que lhe eram destinadas); a resistência ou a solidez da construção - o que tem muito a ver com o trabalho dos engenheiros - (o edifício não podia ser frágil, tinha de ser resistente ao tempo); e por fim a estética (a beleza da obra). Foi esse princípio que me regeu ao



ENTREVISTA

longo da vida, e que consegui, em quase todas as obras, e foi esse princípio que incuti nos meus colaboradores. Hoje em dia, há uma certa tendência para dar mais importância ao aspecto exterior do edifício do que propriamente à organização interna e funcional da obra. Por exemplo, a Casa da Música, no Porto, tem grandes preocupações estéticas, soluções inovadoras, muito visíveis, é um belo edifício... mas no interior acho que está mal organizada, não está funcional, não é fácil as pessoas orientarem-se lá dentro. Portanto o equilíbrio entre as tais três exigências é, para mim, o princípio fundamental de uma boa arquitectura.

Qual é a obra da sua vida?

Recordo-me de um edifício de escritórios, na rua Braamcamp, popularizado como “Franjinhas”, porque tem franjinhas de betão. É um edifício muito diferente e foi o resultado de um dos aspectos que considero mais importantes na arquitectura que é: o espaço construído tem de ter boas condições para as funções que aí se exercem. Muitas pessoas passam nos locais de trabalho grande parte da sua vida e, neste caso em concreto, eu esforcei-me para criar as melhores condições para que as pessoas se sentissem bem lá. Fiz aquilo que se chama arquitectura de dentro para fora. Há, muitas vezes, a tendência de imaginar o aspecto exterior do edifício e depois fazer o interior. Eu não concordo com isso. Sempre defendi que se deve partir das necessidades interiores do edifício. Na projecção do “Franjinhas”, pensei o espaço a partir da imagem da secretária de uma pessoa que ia estar ali dentro grande parte do seu dia. Pensei em termos de luz, de condições de conforto, de vista para o exterior... No fundo, as exigências interiores é que foram



Edifício 'Franjinhas', Lisboa

dando forma ao edifício. E no final, também a fachada foi pensada em relação ao interior. Fiz janelas grandes, para entrar luz natural, mas protegidas com betão armado - as tais franjinhas - para não entrar demasiado calor e para dar uma certa intimidade ao espaço. Na altura, muitas pessoas pensaram que eu tinha começado por desenhar a fachada, por ser invulgar e estranha, mas foi a última coisa a ser desenhada.

Dos projectos que realizou com a Betar, qual foi o que mais gostou de elaborar?

A Rotunda e Fonte do Rato, na Covilhã, foi uma obra que tive muito gosto em fazer porque ocupou o vale de um rio onde, há meio século, havia fábricas que foram falindo e ficando em ruínas. A ideia era fazer desse espaço um espaço digno da cidade. Foi um projecto que trouxe a água da ribeira, numa passagem superior, sobre a estrada. Vencemos a ribeira sem a esconder. Era preciso desviar a água, e em vez de fazer um túnel, para a água passar por baixo, fizemos prevalecer a ribeira através de uma espécie de canal elevado. Fizemos a ribeira passar por cima da estrada. Foi muito importante a colaboração da Betar, nessa obra, em termos de estruturas. O trabalho de colaboração com os engenheiros foi sempre muito importante, desde o início do projecto.

ARTES

Ana Vieira, Hermann Pitz, Michael Snow e Bernard Voïta são alguns dos artistas em destaque nas exposições que a Artes&Letras seleccionou para este mês. Conheça-as.



Muros de Abrigo e Casa Comum

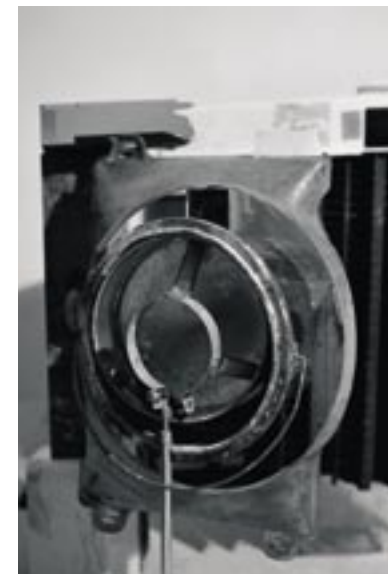
Até 3 de Abril na Fundação Calouste Gulbenkian

O título da exposição Muros de Abrigo surge, de forma mais imediata, como referência a uma memória de infância da artista Ana Vieira, que recorda como, na quinta de seus pais, perto de Ponta Delgada, diariamente se dirigia para os “muros de abrigo” no fundo da propriedade, como os percorria e abria sucessivamente todas as suas portas... e a última abria para o mar. Este título permite também desenvolver aproximações, sob pontos de vista distintos, à obra de Ana Vieira: Muro-Casa. Na outra mostra patente na Gulbenkian, Casa Comum, trinta e um artistas da colecção do CAM proporcionam um percurso por obras que evocam arquétipos fundamentais ligados à casa, à sua estrutura, simbolismo, vivência e representação. Na casa vivemos, à escala de um pequeno mundo, as dimensões variadas em que a vida nos acolhe e interpela. Duas exposições de grande interesse.

1 + 1 + 1 = 3

Até 8 Maio na Culturgest

Esta é a segunda de três exposições individuais simultâneas que dialogam entre si e, em última instância, se conjugam para formar uma exposição colectiva. Uma premissa, traduzida de forma tão abreviada quanto literal no título do projecto, que pretende mostrar as potencialidades e os interesses, ideias e escolhas de três curadores. Desta vez o curador é Friedrich Meschede, e a sua escolha recaiu em Hermann Pitz (Alemanha, 1956), Michael Snow (Canadá, 1929) e Bernard Voïta (Suíça, 1960), artistas que utilizam a fotografia e o filme como media. A arte é, hoje, uma forma de expressão que vive do que é público, inspira-se na vida pública. A evolução da fotografia, em particular, contribuiu para este facto, ao mostrar a realidade de forma clara. Para estes artistas, no entanto, o atelier continua a ser um local privado onde se desenvolvem invenções no domínio da imagem que projectam uma outra realidade.



Em Março há uma variedade imensa de espectáculos musicais e de dança. A A&L seleccionou alguns imperdíveis. Ofereça a si mesmo uns momentos de lazer e disfrute...



Dose Dupla: Concertos de Jazz

Até dia 31 no CCB – Entrada livre

MÚSICA

Em 2009 e 2010, Dose Dupla afirmou-se como pivot de duplos encontros. Primeiro, entre músicos portugueses e estrangeiros, em duos inéditos, depois, entre o público (cerca de 400 pessoas por espetáculo) e os próprios músicos, num ambiente de grande cumplicidade. O Dose Dupla deste ano prosegue, em todas as quintas-feiras de Março, com a presença de nomes sonantes do jazz mundial.



Festival António Fragoso

Dia 28 às 19h no São Luiz

MÚSICA

O pianista português António Fragoso e a sua obra foram o ponto de partida para uma colecção de discos temáticos, interpretados por virtuosos do piano, e para um festival que tem reflectido sobre o contexto da obra do artista. Neste último concerto do festival, conta-se com a interpretação da japonesa Ayano Shimada.



Romeu e Julieta

Dias 17, 18, 19, 25 e 26 às 21h00 e dia 20 e 27 às 16h00 no Teatro Camões

DANÇA

De todas as peças escritas por William Shakespeare, Romeu e Julieta (1594-1595) é indubitavelmente a que mais tem sido utilizada como tema para a dança. Esta versão, coreografada pelo sul-africano John Cranko para o Teatro alla Scala de Milão em 1958, foi estreada pela Companhia Nacional de Bailado no ano de 2001 e é, ainda hoje, uma das versões coreográficas de referência.



Jérôme Bel

Dias 30 e 31 às 21h30 no Teatro Maria Matos (Em inglês, sem legendagem)

DANÇA

Cédric Andrieux integra a geração de bailarinos que deram corpo à década de ouro da dança contemporânea francesa nos anos 80 e 90. No espectáculo, fala sobre a sua vida como bailarino, a sua carreira e os encontros com coreógrafos que o marcaram. Na encenação depurada de Jérôme Bel, Andrieux apresenta-se ao público num palco vazio, mas pouco a pouco vai enchendo o teatro com a sua intensa presença.



Concertos em Março

por António Cabral

Neste mês aconselhamos a “Sinfonia” de Luciano Berio que marcou muito a segunda metade do Sec. XX

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

10/3 às 21 horas e 11/3 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian, Dir. de François Xavier-Roth; The Swingle Singers. No programa, duas obras do Sec. XX mas muito diferentes entre si. “Metamorfoses”, composta por Richard Strauss no final da Segunda Guerra Mundial, reflete o sentimento do compositor com a destruição da Alemanha e do edifício da ópera de Munique onde foram criadas muitas das suas óperas. A segunda obra é a “Sinfonia” (1968) de Luciano Berio que, no dizer de Tranchefort, é “uma partitura de primeira grandeza, violenta, dionisiaca, por vezes no limite do delírio, mas que sabe, igualmente, contemplar instantes da mais profunda poesia e aguda emoção”. A obra escrita para uma orquestra de dimensão romântica tem, como solistas, um conjunto de declamadores/cantores que se apoiam em textos do filósofo Levi-Strauss, Luther King, Samuel Beckett e slogans de estudantes do Maio de 68. É também uma colagem de temas musicais de grandes compositores (de mais de uma dezena onde se destaca o Mahler da 2ª Sinfonia). Pelos ingrediente se vê que é uma obra muito datada. Mas que ainda hoje nos emociona.

NOTA: Os outros concertos da Gulbenkian com o maestro Peter Eotvos, com o violoncelista Queyras, com o violinista Zukerman ou com o pianista Volodos, são de



Luciano Berio

muita qualidade (como é habitual), mas este mês resolvi gastar o meu espaço com Luciano Berio.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

5/3 às 21 horas (Grande Auditório)

Kennet Weiss (cravista e maestro), solistas e o ensemble “Divino Sospiro. No programa cantatas de Bach e, entre elas, a nº 106 (Actus Tragicus)

16/3 às 21 horas (Grande Auditório)

Orquestra Metropolitana de Lisboa e o Coro Sinfónico Lisboa-Cantat. No programa a oratória “As Estações” de J. Haydn

TEATRO DE S.CARLOS

18, 22, 24 e 26/3 às 20 horas e 20/3/ às 16 horas

BANBKSTERS, ópera em três atos de NUNO CORTE REAL, em estreia absoluta, com libretto de Vasco Graça Moura inspirado na peça “Jacob e o Anjo” de José Régio.

NOTA FINAL (metendo a foice em página alheia): Aconselho os concertos da Casa da Música de 11 de Março e 14 de Maio onde se interpretam os dois concertos para piano e orquestra de Fernando Lopes Graça (destinam-se à edição de um CD com essas obras).

Desta vez não lhe damos duas, mas quatro hipóteses de ir ao teatro. Textos bem distintos, temas diversos, histórias com envolvências diferentes, os autores mais variados... Vá até lá.



A Philosophia do Gabiru

Esta peça pretende revisitar o universo literário do jornalista e poeta Raul Brandão que foi um homem apaixonado, místico, religioso, anarca e de temperamento desesperadamente irónico, fazendo da crítica ou comentário social, o programa da maior parte dos seus escritos. Contemporâneo de Pessoa, desbravou um caminho solitário na procura do seu próprio estilo. A Philosophia do Gabiru, visa explorar aquilo que eram os sonhos, as angústias e as liberdades filosóficas deste autor, que soube documentar como ninguém, o que era um Portugal em profunda crise económica, política, moral e social, numa época em que o mundo atravessava as mais conturbadas mudanças. A figura do Gabiru é, acima de tudo, a projecção de um homem que sempre quis ser maior do que era e cuja pequenez sempre foi inversamente proporcional ao tamanho do seu sonho.

Teatro Maria Matos

Data: Até 14 de Março às 21h30

Preço: €12

Texto: Raul Brandão & Nelson Guerreiro

Encenação: Martim Pedroso

Interpretação: Carlos Alves, Flávia Gusmão, Martim Pedroso, Nelson Guerreiro, Paula Só, Tânia Leonardo e Tiago Barbosa



Ciclo Teatro do Porto?

Dez anos depois de ter sido eleita Capital Europeia da Cultura, a multifacetada realidade das companhias e projectos teatrais do Porto é actualizada num inédito e subjectivo ciclo. Dezoito grupos, várias tendências e linguagens, um especulativo arco histórico e alguns momentos de luto para evocar a memória de figuras referenciais, como Isabel Alves Costa, Paulo Eduardo Carvalho e João Paulo Seara Cardoso, justificam-se com uma espécie de balanço em torno da actividade teatral portuense, que em finais da época de 90 se afirmou como uma das mais promissoras fontes de criatividade teatral do país. Durante o mês de Março serão várias as peças a que pode assistir no São Luiz. O programa está disponível, na íntegra, em www.teatrosaluiz.pt.

São Luiz

Data: Até 27 de Março

Preço: €10



Azul Longe nas Colinas

Willie, Peter, John, Raymond, Donald, Ângela e Audrey são amigos. Têm por hábito brincar num bosque, perto da vila onde vivem. Brincam às guerras, aos pais e às mães, aos enfermeiros..., reproduzindo aquilo que pensam ser a vida dos adultos. São crianças, mas os seus intérpretes são adultos. Adultos que representam um grupo de crianças a descobrir a violência do mundo que as rodeia.

Na introdução a esta peça, Dennis Potter considerou que foi a mais simples que escreveu, em termos de forma e conteúdo, “porque decorre sem obstáculos, artifícios, diversões ou qualquer tipo de enredo secundário. Às personagens – sendo crianças – é-lhes vedada a eloquência, a introspecção, a retórica ou um pensamento minimamente consequente”. Neste texto, chocante e comovente, “as crianças” servem de lupa para olharmos para a natureza dos impulsos dos adultos.

Teatro Nacional D. Maria II

Data: Até 20 de Março - 4.a a Sábado

às 21h45 e Domingo às 16h15

Preço: €12

Textos: Dennis Potter

Encenação: Beatriz Batarda

Interpretação: Albano Jerónimo, Bruno

Nogueira, Dinarte Branco, Nuno Lopes,

Sérgio Praia e Rita Durão



E não se pode matá-los?

A violência pode atingir-nos física, directa e explosivamente. Mas pode também inscrever-se nas nossas vidas, nos nossos imaginários, no nosso quotidiano através de mil imagens subtis de que não tomamos consciência... Esta é uma peça sobre a violência no quotidiano, no círculo familiar. Transforma-se numa leitura dos sintomas da violência na sociedade contemporânea a partir das pequenas células domésticas. As relações familiares, os gestos de uma sociedade que se persegue a si própria, os rituais educativos, o fervor religioso, os mitos desenhados nos media e os shows televisivos encenam, nesta peça, a violência que se respira na atmosfera, nos espaços urbanos, nos inconscientes mais íntimos. Esta peça, cheia de um humor corrosivo, é ao mesmo tempo um drama e uma comédia. Uma sátira e uma tragédia.

Comuna Teatro de Pesquisa

Data: Até 27 de Março - 4.a a Sábado

às 21h30 e Domingo às 16h

Preço: Entre €5 e €10

Texto: Alicia Guerra

Encenação: João Mota

Interpretação: Carlos Paulo, Alvaro

Correia, Mía Farr, Tânia Alves, Maria Ana

Filipe, Marco Paiva, Miguel Sermão.

LÁFORA

Madrid foi a capital eleita, este mês, no que respeita à selecção de mostras de arte “lá fora”. Não deixe de conhecer um destes museus espanhóis. Afinal, Madrid é já aqui ao lado...



Museu Rainha Sofia, Madrid Dorit Margreiter

Até 25 de Abril de 2011

A intercepção entre a noção de modernidade e formas de apresentação no cinema, vídeo, texto ou fotografia tem sido um trabalho constante de Dorit Margreiter (Áustria, 1967). Esta exposição baseia-se na relação entre cinema e arquitectura, que compreende uma série de obras entre 2001 e 2011, estudando a construção do olhar, no limiar entre esfera pública e privada, típico da arquitectura moderna.

Museu do Prado, Madrid

Chardin (1699-1779)

Até 29 de Maio

Este mês o museu apresenta ao público uma exposição dedicada a Jean Siméon Chardin (1699-1779), um dos mais importantes expoentes da pintura francesa do século XVIII em Espanha, um país que nunca dedicou uma mostra ao artista. Com 56 obras, o grande mestre da vida e da pintura de género (cenas de violência doméstica e familiar e fotos de crianças), conhecido pela intensa visão poética das coisas e por uma pintura virtuosa extraordinária, estará patente em Madrid até 29 de Maio.



Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid

Jean-Léon Gérôme

Até 22 de Maio

O Museu Thyssen-Bornemisza apresenta a primeira exposição retrospectiva, em Espanha, dedicada ao pintor e escultor francês Jean-Léon Gérôme (1824-1904). A mostra reunirá cerca de 60 obras, entre as quais algumas das pinturas e esculturas mais conhecidas do autor, que cobrem todos os aspectos da sua longa e conceituada carreira artística. O objectivo é homenagear um dos mais emblemáticos pintores académicos franceses do século XIX, cujo destino de grande parte da sua produção foi o continente americano.

PORTO

Como não encontrámos festas ou eventos ligados ao Carnaval, aconselhamos a exploração de mais alguns espaços no Porto. Eis as propostas de Maria João Duarte



BREYNER 85 R. Breiner, é um centro cultural, com uns tectos que dizem ser de Aurélia de Sousa, onde há música, artes plásticas e performativas, copos e tertúlias. Tem salas de aulas e de ensaios, estúdios de gravação e de dança, ateliers, “showroom” de instrumentos musicais, livraria /discoteca temática, cafetaria, 2 palcos, “jam sessions” e noites com “DJ”. Também aí encontra cursos de rock, para bandas (“Get on Stage”) ou aulas individuais. No dia 5 toca lá a banda portuguesa “Uninauei”. Se gostar de actuar, vá aos domingos ao “Open stage night”.

CAFÉ AU LAIT Café-bar num antigo armazém de tecidos, abre de manhã com um pequeno almoço tardio e fecha de madrugada como bar passando por casa de chá à tarde. Encontra-o na Rua Galeria de Paris, que foi inicialmente projectada como galeria coberta de vidro. Tal nunca se concretizou, mas as fachadas dos prédios, do início do século XX, alguns “Art Nouveau”, dão à rua um certo ar parisiense. No dia 6, com ent. livre, toca lá a banda francesa de François Viroit (guitarra e voz) e Lisa Duroux (bateria e voz) “Reveille”.

MARIA VAI COM AS OUTRAS R. do Almada 443, é uma livraria que também tem artesanato, discos vinil, mobiliário, vinhos, galeria de exposições e café-concertos na cave, como o do dia 5 “Beware of the Dogs + Raita ‘éd”.

MAUS HÁBITOS, R. Passos Manuel 178, é um amplo 40 andar onde “a intervenção cultural, não pode ser bem comportada mas sim inovadora, subversiva e transgressora”. Acolhe exposições, peças de teatro, concertos e rock português com “Mau Amigo”(18) e “Fato/Feto”(25)

Música

CASA DA MÚSICA: “Um Virtuoso para Lopes-Graça” com E. Nebolsin (11) Amina Claudine Myers Trio, pianista, organista, cantora e compositora (17), Iva Barbosa, solista de clarinete (22), Brad Mehldau, pianista e compositor norte-americano, e Anne Sofie von Otter, jazz e músicas de Brel, Ferré, P. McCartney (26). **HARD CLUB:** Rodrigo Leão (31). **COLISEU:** Orquestra Buena Vista Social Club com Omara Portuondo (9) Katie Melua (14) The Voca People (19 e 20)

E ainda...

COLISEU: ÓPERA “As Bodas de Fígaro” de Mozart (1 e 2 Abr) e **BALLET:** “D.Quixote” pelo Royal Czech Ballet (26) e “Coppélia” pelo Moscow Ballet (5 Abr), **T.N.S.JOÃO:** “Exactamente Antunes” de Jacinto Lucas Pires a partir de “Nome de Guerra”, de A.Negreiros (17mar a 17 abr); em **SERRALVES:** EXPOSIÇÃO: : GIL J WOLMAN, artista francês: “Sou imortal e estou vivo” (até 27) e **CONVERSAS SOBRE AMBIENTE:** “A água impede a desertificação? Ou será que a promove?” (10)

LIVROS

Este mês a *Artes&Letras* sugere dois êxitos literários que nos fazem embarcar em enredos surpreendentes: Um crime que se resolve ao ritmo de um jogo de xadrez, e um surpreendente cruzamento de destinos no distante período da Idade Média.



Arturo Pérez-Reverte *A Tábua de Flandres*

Arturo Pérez-Reverte é um escritor de extremos. Ama-se ou odeia-se, mas o seu estilo é muito próprio e dele não parece disposto a abdicar. Jornalista por formação, fez durante 21 anos a cobertura de vários conflitos armados pelo mundo (entre as quais os de Moçambique e Angola) e talvez isso tenha influenciado a sua forma de relatar, de criar tramas inconfundíveis que nos agarram do princípio ao fim dos seus livros. “A Tábua de Flandres”, escrito em 1990, é o seu terceiro romance. Um pintor flamengo

deixa um enigma num quadro, e só cinco séculos mais tarde se descobre que a frase encoberta esconde um crime. É que um dos jogadores de xadrez lá representado já estava morto na altura em que foi pintado. “Quem matou o cavaleiro?” é a pergunta a que uma restauradora de arte de propõe responder, com a ajuda de um antiquário de um jogador de xadrez. A trama avança ao ritmo de um jogo, como se de uma verdadeira partida de xadrez se tratasse. Na vida real, como no tabuleiro, uma jogada em falso pode tornar-se fatal.



A Tábua de Flandres

Arturo Pérez-Reverte
Edições ASA, 2009



Os Pilares da Terra

Ken Follett
Editorial Presença, 2007

Os Pilares da Terra é um romance histórico arrebatador. Aclamado pela comunidade de leitores de vários países, tornou-se um verdadeiro fenómeno de “passa-palavra”.

O estilo inconfundível de Ken Follett, um mestre do suspense, está bem presente ao longo desta história épica, repleta de intrigas, aventura e luta política.

A trama centra-se no século XII, em Inglaterra, onde Tom, um humilde pedreiro, persegue o sonho magestoso de edificar uma imponente catedral, digna de tocar os céus. Em redor desta ambição soberba, o leitor é levado para dentro de um quadro da Idade Média, muito rico em acção e descrição, composto por várias personagens, que se cruzam ao longo de gerações e cujos destinos se entrelaçam de formas misteriosas e surpreendentes, capazes de alterar o curso da história.

Recheado de suspense, corrupção, ambição, traição, vingança e romance, Os Pilares da Terra, que já foi adaptado a minissérie televisiva, foi considerado a obra-prima de um autor que já vendeu 90 milhões de livros em todo o mundo.

XADREZ

Campeonato da Europa de Clubes 2010

POR LUÍS EUGÉNIO RODRIGUES

Disputou-se, em Plovdiv (Bulgária), em Outubro de 2010, o fortíssimo Campeonato da Europa de Clubes, que, pelo segundo ano consecutivo, teve como vencedor a equipa russa do Economist de Saratov.

Mais de 350 xadrezistas da elite mundial disputaram este torneio, que, infelizmente, não contou com a presença de nenhuma equipa ou jogador nacional.

Nos quatro primeiros lugares classificaram-se equipas da Rússia e da ex-União Soviética, sendo o quinto lugar ocupado pela equipa alemã de Baden Baden, o que, mais uma vez, denota a supremacia do xadrez da Europa oriental, nomeadamente, da escola russa sobre o ocidente.

A partida que hoje apresentamos, é precisamente de um jogador da equipa de Baden Baden, o espanhol Francisco Vallejo.

As negras, aproveitando a má colocação do Rei adversário, no tabuleiro, e apesar das brancas possuírem par de torres contra par de bispos e dois peões ligados e passados na ala da dama, Vallejo com um lance simples obteve uma vitória imparável.

CAMPEONATO DA EUROPA DE CLUBES 2010 (Bulgária)
IM Zaragatski, I. (2502) – GM Vallejo, F. (2698)
As negras jogam e ganham



SOLUÇÃO: 1... e4, 2. Be5+, 3. Rh4, 4. Tf1, 5. O-O (não há defesa contra Bf6 mate)

A Artes&Letras não falha ao compromisso de lhe apresentar grandes propostas culturais. Uma vez mais, dois dos nossos colaboradores juntaram-se a esta “causa”. Eis as suas sugestões.

Um livro da minha vida

JOÃO TIAGO FREIRE



Italo Calvino

Se Numa Noite de Inverno um Viajante

Não percebi bem porque decidi ler este livro. Não tivera até então qualquer contacto com a obra de Italo Calvino, talvez a sinopse me tenha despertado a curiosidade pela lógica difusa seguida pelo escritor. Talvez...

Sensivelmente 300 páginas ao longo das quais se desenvolve uma sequência de 10 contos apócrifos incompletos, entremeados por uma história cujo enredo gira em torno da essência da leitura. Pedacos de histórias lascivas, reflectivas, surreais, misteriosas. Pedaco de uma boa música que não chega ao refrão. A dada altura, o texto refere-se à ideia de se escrever um livro cuja imagem se mantém nublada até ao fim, em que o período de absorção da temática do livro corresponde ao tempo de leitura. Não consegui ainda formar a minha opinião quanto ao conceito subjacente. Por um lado sinto que ao não finalizar os portentosos contos o autor foge às respostas que eu espero enquanto leitor. Mas por outro, senti como que uma interacção com o livro, no discorrer de toda a leitura alinhei inconscientemente no jogo que o autor desejava. A originalidade desta história sem grande história cativou-me conjuntamente com a escrita, por vezes com um forte pendor filosófico, com referências geográficas e científicas melosamente articuladas com o enredo que me obrigaram a reler certas passagens, simples deleite.

Talvez tenha sido pela sinopse auspiciosa ou então pela descrição displicente e abstrusa numa conversa de café. Talvez tenha sido isso. Valeu-me um bom livro e um autor a visitar. Nada mais.



Se Numa Noite de Inverno um Viajante

Italo Calvino
Editorial Teorema, 2009



Um álbum da minha vida

JOÃO COELHO



Pink Floyd

The Dark Side of the Moon

Deverão passar por um destes dias 25 anos desde que tive o privilégio de ouvir o The Dark Side of the Moon pela primeira vez. É preciso salientar que este disco é para mim e para muitos outros, simplesmente, como o melhor disco de rock progressivo de todos os tempos. Mais do que isso, é o melhor, o mais genial trabalho desta lenda da música chamada Pink Floyd.

Dos estúdios de Abbey Road, eternamente ligados ao quarteto de Liverpool, The Beatles, saiu, em Março de 1973, este marco na história dos Pink Floyd de David Guilmor, Roger Waters, Rick Wright e Nick Manson.

Quase que não precisamos nem começar a ouvi-lo para termos uma noção de grandiosidade. Olhe para a capa: uma imagem única, umas das capas mais simples e brilhantes da história, reconhecida em qualquer parte do mundo. Mas o mais importante é que sintetiza todo o conceito do disco, a escuridão em que o mundo se encontrava e todos os problemas que afligem a humanidade. Isso em 1973. O incrível é que o disco soa bastante actual até nos dias de hoje.

Não tendo espaço para a apresentação integral e merecida de todo o disco, refiro algumas músicas que me marcaram para sempre.

«Time» apresenta um grande momento de criatividade de David Guilmor na sua famosa Fender. Sem medo atira-se para um dos melhores solos do álbum. A sequência introdutória é simplesmente um golpe de génio.

Ao som de moedas a cair, de slot-machines tipicamente relacionadas aos casinos e uma referência à sociedade de consumo, «Money» é o abrir de mais uma porta em direcção ao sucesso.

Voz magistral, teclados envolventes, guitarra relaxante, saxofone fenomenal, bateria colocada perfeitamente... um show de todos os músicos. Dá vontade de ouvir “Us and Them” repetidas vezes. Só nos resta baixar a cabeça e venerar os mestres.

Com «Eclipse» chega-se à recta final. No fim da audição de Dark Side of the Moon sente-se que se emoldurassem estes temas, teríamos um Museu Guggenheim na cabeça. The Dark Side of the Moon é um pedaço de arte, de história e de simples magia.

A impressionante discografia e invejável carreira dos Pink Floyd ditam isso mesmo. Os números não mentem. Este é simplesmente o 20º álbum mais vendido da história. Mas mais impressionante é o facto de este ter permanecido nos «top's» qualquer coisa como 741 semanas, desde 1973 a 1988! Resultado? Uns impressionantes 45 milhões de discos vendidos!

Como nota final, recomendo a quem nunca ouviu este disco, que o ouça, e a quem já o conhece, aproveite e ouça-o novamente.





**38 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. NUNO TEOTÓNIO PEREIRA**
ROTUNDA DO RATO, COVILHÃ